

Ilessi e eu conversamos sobre tudo: desencanto, pertencimento, espírito, morte, festa, utopia, destino, graça.

Numa conversa dessas, entendi por que há em sua voz tanta ternura e alguma violência. Foi quando ela, filha inexorável de Xangô, trouxe à baila palavras que me ouvira dizer numa festa dez anos antes. Filha também de Oxum, ela parece ter delicadamente esperado todos aqueles anos até me saber capaz de concluir o que se ocultava sob as tais palavras, das quais eu já esquecera.

Branco homem, era-me fácil pensar que dizia coisas “isentas” e seguir adiante. Mulher negra, é impossível pra ela esquecer quando brancos homens proferem sentenças como: “somos miscigenados. Por que querer imitar aqui o movimento negro norte-americano?”

Pouco depois dela conduzir minha memória de volta à velha cena, eu compus o maculelê “Ladra do Lugar de Fala”, no afã de vê-la esconjurar tudo e todos que tentassem enredá-la em ardis retóricos de falsa tolerância.

Comemoro que ela tenha gravado a “Ladra” neste *Dama de Espadas*, pois assim ganhamos o registro de sua voz afirmando com todas as letras aquilo que está nela desde sempre: “Eu sou a flor da nova abolição na manhã brasileira”.

Por Ilessi têm passado melodias e versos de tantos autores contemporâneos que seu trabalho de intérprete já é instância incontornável para os que se interessam pela chamada “música autoral” brasileira do começo deste século.

Como não bastasse, ela mesma, quando compõe, se embrenha por reentrâncias harmônico-melódicas que a aproximam dos que reescutaram a MPB com ouvidos pós-Guinga. Mas ela o faz com a natural autoridade de quem, com 8 anos de idade, aprendia a cantar Toninho Horta ouvindo Alaíde Costa girar na vitrola do pai.

Por ser guardiã de segredos desse quilate, é importante que ela não tenha se fechado em *cofas*.

É importante que seja sob a égide da *espada* que Ilessi faz o que faz agora.

Agora a banda (des)orienta. Agora a voz enreda, caçoa, guincha, louva, conclama, denuncia, chora, acarinha.

A gente tende a pensar numa Janis Joplin tropical. Compreendo perfeitamente: algo aqui de fato remete

àqueles álbuns da Gal com Lanny e Macalé.

Acontece que Ilessi, Elísio, Vovô Bebê, Uirá e Lírio trocam de som como quem troca de roupa, e podemos fabular lances inauditos: Amy Winehouse ouvindo Elis Regina, Nina Simone ouvindo Ivone Lara, John Zorn tocando com Negro Leo.

Ilessi abre picadas numa trilha singular de improvisação vocal. Prestemos atenção na canção-título, com letra elegantemente lacradora de Iara Ferreira. É libertador não precisar entender como *scats* aquilo que ali exuberava. Nossa bárbara cantora invadiu o território blue e o encheu de Algarvias outras, muito nossas.

Aliás, a primeira parte da “Oração pro Gil” parece estruturar-se sobre escalas alteradas como as que



surgiam de vez em quando nas improvisações vocais dele (em discos como *Montreux* e *Gil & Jorge*). Conduzida pelas percussões afro-baianas de Gabi Guedes e Kainan do Jêje, a “Oração” culmina no cântico pros “Filhos de Gandhi”.

Herdeira rara de Johnny Alf nesta geração, Ilessi sabe que o “torto” é apenas outro modo de expressar o “natural”. Assim, ela consegue nos fazer esquecer a complexidade da melodia de “Mar de Te Amar” (sobre versos de Jorge Andrade, poeta do Grão-Pará), cantando-a como se fosse um bolero feito apenas de sedução e saudade dentro da noite.

Também sinuosa e branda é a “Brejeira Flor”, toada atemporal e brasileira feita em parceria com a fundamental Simone Guimarães. (Em canção, cada vez mais o adjetivo “brasileiro” designa um território raro, onde Guinga reina. É ali que se prepara uma revolução lírica toda feita de densidade e dolência, e Vovô, Lírio e Elísio se alinham ao levante, empunhando violões e viola caipira).

Mas logo algo se desconcerta. Cantando “Vivo ou Morto” (meio-ska-meio-galope de Thiago Thiago de Mello e Edu Kneip), Ilessi vira cavalo de toda uma falange mass-midiática: tem Xuxa, Topo Giggio, locutor de futebol... O turbilhão de imagens dança numa voragem timbrística digna do Mr. Bungle. É como se a anarquia do cinema udigrudi dos anos 70 quisesse reencarnar em forma de canção. E Ilessi encara!

Encara até mesmo lançar seus próprios acordes em texturas ainda mais conturbadas. Falo de “Lírico”, bossa ultra nova para a qual fiz a letra, glosando trecho d’“O Nascimento da Tragédia” em que Nietzsche pensa a poesia lírica.

Ilessi, na tal conversa, não desejou me silenciar quando me ajudou a perceber as implicações de minhas palavras de dez anos antes. Mas deixou nítido que também já não silenciaria. Tudo prenunciava isto que explode agora na gravação de “Eu não sou seu negro”.

Ao emprestar a voz para um discurso proferido pelo escritor negro norte-americano James Baldwin, comentando-o com a sentida cantiga do Ilê Ayê, ela explicita que está sim inserida numa luta racial de dimensões supranacionais, porque sabe que a escravidão esmagou o mundo de tal forma que fundiu as dores de George Floyd e João Pedro na dela mesma.

Quanto a mim, branco um pouco pancada, aprendi que, embora não soubesse, foi racismo meu sim. E peço perdão.

*Thiago Amud*

ILESSI

DAMA



DE

ESPADAS